

De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920-1921. Organização, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Pedro Meira Monteiro

“Sugestões tão inéditas como os versos de Mallarmé.” Esta a cifra com que Mário de Andrade, em verdadeira contemplação amorosa, evoca a cidade de São Paulo, anunciando, numa crônica de novembro de 1920, a “Paulicéia” desvairada dos poemas que comporiam, dois anos depois, um dos livros mais notáveis do modernismo brasileiro. Ler estas cinco crônicas do jovem poeta, que a Editora do Senac e o Sesc de São Paulo trazem em preciosa edição anotada por Telê Ancona Lopez, pode ser uma aventura parecida às entradas com que os bandeirantes, partindo do planalto paulista, rasgaram o continente americano, no século XVII. Há mesmo uma espécie de bandeirismo sublimado nisto que é o relato, ora sôfrego ora plenamente lírico, do burburinho fecundante dos modernos paulistas, didaticamente apresentados por Mário de Andrade aos leitores da *Ilustração Brasileira*, importante revista do Rio de Janeiro em que foram publicadas aquelas crônicas, entre 1920 e 1921.

De fato, um gesto heróico parece esconder-se, como um acorde desmaiado, atrás de cada linha. A Terra inculta que os paulistas arrostam, numa curiosa figuração da cena cultural brasileira, configura a Esfinge com que os poetas modernos se regozijam, herdeiros, muitas vezes confessos, do simbolismo finissecular que, como a água insalubre das barrocas dos sertões, guarda e sacraliza o Mistério e, com ele, o enigma das forças superiores ao indivíduo. Jogo quase indecifrável, a um só tempo verbal, arquitetural, musical ou pictórico: é a cidade a desdobrar seus tentáculos, oferecendo em seus antros e reentrâncias os recantos uterinos em que o indivíduo vislumbra a imagem da Beleza perdida. O cronista Mário de Andrade não esconde, antes revela com volúpia, a sensualidade das linhas com que a cidade se expressa, em silhueta plural e misteriosa, guardando em si tempos passados e futuros. É a cidade no instante, no tempo: a *crônica* em sua perfeição.

Não apenas os versos “arlequinais” da *Paulicéia desvairada* (*Hallucinated City*, na tradução de Jack Tomlins) se anunciam, quase inteiros, nestas crônicas, como também o olhar do contista-cronista Mário de Andrade, jogado entre belas e más artes, se deixa flagrar na mirada desejanste que recai sobre a jovem paulistaninha, imigrantezinha cuja dissimulação nem uma cascata de diminutivos lograria esconder: “Paulicéia é como brasileira nascida nessa idade-média em que uma parte de Minas adormeceu: alonga os babados da saia escura para fechar no segredo a volta sensual do tornozelo, mas traz nos lábios a rosa provocante das espanholas.”

Fechando-se a cidade, sisuda e cinza, abre-se de repente a rosa misteriosa, no movimento espasmódico de um amor pulsante, à cata do momento de gozo, que é a epifania que busca o poeta: “dizem-na fria... Dizem-na tristonha, escura... Mas no momento em que escrevo, novembro anda lá fora, desvairado de odores e colorações. Eu sei de parques esquecidos em que a rabeca dos ventos executa a sarabanda por que pesadamente bailam os rosais... Eu sei de coisas lindas, singulares, que a Paulicéia mostra só a mim, que dela sou o amoroso incorrigível e lhe admiro o temperamento hermafrodita...”

O amor é, nestas crônicas, pleno, ambíguo, pansexual. E a cidade é ela mesma personagem, imenso corpo, jardim de signos por que vaga o poeta. Cantar a cidade, narrá-la, é narrar a si mesmo, nela perdido. Supremo paradoxo do amante (aqui, no fim das contas, tão masculino): o gozo vem de si, porque é impossível atingir completamente o outro. Amando o outro, não há entrega completa, porque eu regresso teimosamente a mim: como na crônica sobre a arquitetura, de fevereiro de 1921, em que Mário de Andrade se perde em divagações, para chegar à conclusão de que não fala senão de si. Trata-se então de um impressionante torneio metalingüístico, quando o cronista revela que a cidade amada não pode ser senão a construção de uma crônica, que é, novamente, a construção do instante em toda sua significação, o eu-lírico funcionando como ponto de fuga da composição: “Mas isto é falar de mim... Ia eu dizendo que...”; “...afinal, estou muito longe do meu fim,”; “Apenas: eu me perdi novamente...”

Falando de si, Mário de Andrade fala da construção moderna do texto, expondo a crônica em suas engrenagens. E expõe também a cena literária paulistana em pleno funcionamento, alegorizada na magnífica crônica sobre o Trianon e a festa em torno de Menotti Del Picchia, de março de 1921, ou descrita, belamente mas não sem uma dose de provincianismo, na crônica seguinte, quando São Paulo revela ao mundo que tem também seu salão

literário: a vila Kyrial. Mas neste livro há mais. Chama a atenção, e põe a pensar, o tamanho da introdução, a precisão das notas, o aparato crítico enfim que envolve e esclarece o texto. Lendo-o, podemos pensar que não lemos mais apenas Mário de Andrade, mas lemos um autor já numa forma que a crítica ajuda a dar, daí nascendo a pergunta angustiante de todo organizador: até onde aditar comentários, explicar? Por que entregar menos bruta a pedra ao leitor?

A edição de Telê Ancona Lopez, incompreensível fora do esforço crítico que, a partir do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, concorre para a organização do legado de Mário de Andrade, prova que é desejável, assumidos os riscos da empreitada, cercar o texto de um grande autor com um grande aparato. Vale notar, a propósito, a dedicatória do estudo introdutório marcando um bonito momento, nesta espécie de longa passagem imaginária do bastão, que é a preservação crítica dos documentos por toda e qualquer equipe competente, formada por várias gerações de pesquisadores. (O ensaio que serve de introdução ao livro é dedicado a dois pesquisadores mais jovens do IEB.)

O resultado é que se fornece ao leitor um certo Mário de Andrade, atrás do qual ele, leitor, buscará o seu próprio Mário. O desafio de um aparato crítico, aliás, estará porventura expressando o paradoxo da própria crítica, da qual se espera que seja completa e densa, mas não tanto que abafe a obra ou que a faça curvar-se com o peso das opiniões, das adições ou das explicações. Uma edição anotada, como esta, faz pensar na necessária angústia do organizador, que a etimologia ajuda a compreender: o “aparato” é o resultado de uma *preparação*. O crítico prepara, entrega o que preparou, e sai de cena, ruminando dúvidas sobre o que fez.

A introdução (“Mário de Andrade, cronista do modernismo: 1920-1921”) busca justamente fixar aquilo que são os primeiros gestos dos modernistas paulistas, especialmente o autor da *Paulicéia desvairada*, e, ao fazê-lo, inscreve-se, a si própria, na historiografia que auxilia a compreensão do movimento. A introdução se cola ao texto de Mário não como apostado desajeitado, ela mesma sendo, *enquanto* (insista-se no aspecto temporal da conjunção conformativa) introdução, uma intervenção crítica, isto é, a um só tempo mapeamento do campo literário e convite à leitura.

A autora do estudo introdutório não pode furtar-se à condição de intérprete mais importante do poeta e cronista, devedora (e recriadora) portanto de certa leitura do movimento, que reforça quase sempre o seu caráter

de ruptura e renovação. Mas o que é interessante é que a introdução não se nutre de alguma certeza sobre a vitória do modernismo, o que levaria ao apastamento crítico pela teleologia (isto é, buscar as sementes do que se sabe de antemão vitorioso), sabendo, antes, respeitar certo ritmo indeciso, tateante mas vigoroso, que é o dos escritores que inauguram a cena moderna e que, para tanto, devem crer na absoluta novidade de seu próprio gesto. O vigor e o ímpeto renovadores, vistos através das lentes que nos fornece esta edição, não escamoteiam contudo o *quantum* de indeterminação que faz, da cena descrita pelas crônicas, algo vivo, tornando São Paulo, entre provinciana e cosmopolita, o campo de ensaio de idéias novas e velhas, palco principal das vanguardas brasileiras.

Conectando as crônicas ao cenário intelectual que as acolhe, mas também aos textos que concomitantemente se gestam no imaginário do poeta, a introdução ao livro revela que a crônica pode ser o instantâneo da criação literária, espécie de laboratório poético em que flagramos o escritor em seus passos iniciais, que depois se configurarão na poesia que hoje conhecemos. Sendo a figuração do instante, as crônicas são espaço privilegiado para que o leitor, valendo-se do aparato que ora as cerca, compreenda a densidade e a complexidade do tempo que este livro evoca e mobiliza, ao apanhar, em toda sua potência, a experiência moderna do gozo com a metrópole.

Pedro Meira Monteiro é professor-associado de Literatura Brasileira no Department of Spanish and Portuguese Languages and Cultures, Princeton University, autor de *A queda do aventureiro* (Editora da Unicamp, 1999) e *Um moralista nos trópicos* (Boitempo Editorial, 2004) e co-editor do volume da Coleção Correspondência de Mário de Andrade (IEB/USP) que conterà as cartas trocadas entre o autor de *Macunaima* e o historiador e crítico literário Sérgio Buarque de Holanda. Email: pmeira@princeton.edu